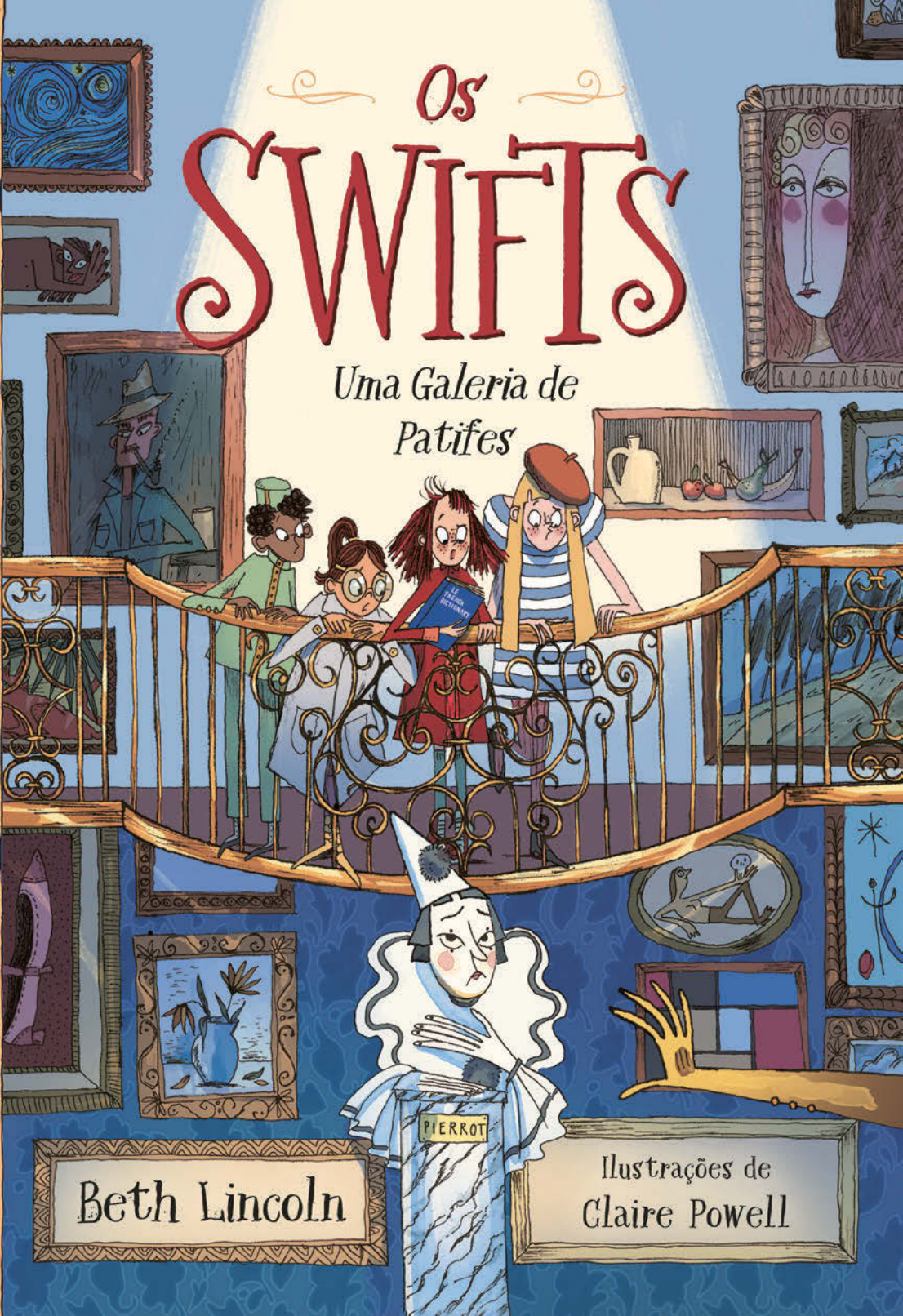


Os SWIFTS

Uma Galeria de
Patifes



Beth Lincoln

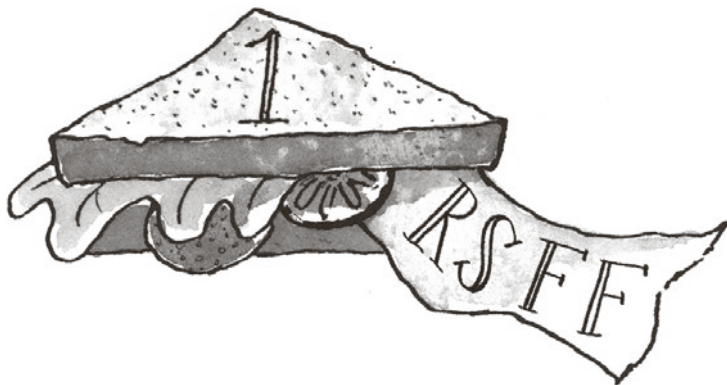
Ilustrações de
Claire Powell

Para o Stuart, o meu favorito.

ÍNDICE

1. RSFF	9
2. Palavras Migratórias	23
3. O Início	36
4. <i>Bon Voyage</i>	48
5. Perdidos na Tradução	68
6. <i>Check-in</i>	80
7. <i>Entrées</i>	101
8. <i>Tout de Suite</i>	117
9. <i>Éminence Grise</i>	140
10. <i>La Belle Alliance</i>	156
11. Diálogo	166
12. <i>Reconnaissance</i>	176
13. O <i>Conversatoire</i>	189
14. Um Cadáver Esquisito	207
15. <i>Modus Operandi</i>	222
16. Empréstimos	233
17. A Inspeção	244
18. Uma Reunião Clandestina	258
19. <i>En Garde</i>	269
20. A Assinatura	285
21. Sobremesas Gourmet	299

22. A Grande Exposição	315
23. O Dilúvio	326
24. Desilusão	336
25. <i>Découverte</i> ou Descoberta	344
26. Descida	353
27. A Oficina do Roubo Potencial	364
28. Riposta	376
29. Golpe de Estado	390
30. <i>Déjà-vu</i>	402
31. <i>J'accuse!</i>	413
32. Saída à Inglesa	427
Epílogo	439
Agradecimentos	445
Sobre a autora	447



Na *Classificação Definitiva de Mortes Dolorosas de Morbidez Swift*, «Afogamento» figura bem no fundo da lista, colocado inequivocamente na categoria «Meramente Desagradável». Encontra-se muito abaixo de «Inanição», «Ataque de Urso» e «Tanque de Ácido», e muito acima de «Piano Deixado Cair em Cima da Cabeça» ou «Morrer Pacificamente Durante o Sono a Meio de um Sonho com Lindas Borboletas».

Enquanto se esforçava para respirar, este pensamento era um consolo para Tropelia Swift. As coisas podiam sempre ser piores.

Tropelia olhou de relance através da água turva para a corda à volta do seu tornozelo. Estava atada com firmeza num nó lais de guia. Ela era boa a dar nós e já tinha feito e desfeito um lais de guia centenas de vezes. Mas *este* recusava-se teimosamente a soltar-se — assim como o seu gémeo, que ela prendera em torno do pesado microscópio de bronze, agora meio enterrado na lama macia do leito do lago, tão bem aninhado como um dente numa gengiva.

Uma bolha rebelde escapou da narina esquerda de Tropelia e fugiu para a superfície. Os seus pulmões ardiam



e a sua garganta contraía-se, em desespero. O seu corpo dizia-lhe, com convicção, que ela precisava de fazer uma inspiração profunda *imediatamente*, sem dar ouvidos a nenhum dos motivos que faziam Tropelia considerar que isso era uma má ideia. Com um borbulhar de esforço, ela tirou a faca do pão do cinto e começou a serrar desesperadamente a corda. Estava a acontecer algo interessante à sua visão. Ela via tudo com contornos escuros, como se estivesse a semicerrar os olhos através de uma nuvem densa.

A corda rebentou. Tropelia subiu como uma flecha, expelindo ar à sua passagem. Por cima dela, a luz dançava em feixes fragmentados na superfície da água, que era como um telhado de vidro ondulante que ela estilhaçou com a força de uma pedra arremessada.

Tropelia irrompeu no sol quente do meio da manhã, tossindo e arfando, enquanto inspirava oxigénio com sofreguidão. Juntou água nas suas mãos agora vazias e olhou para baixo, vendo a faca do pão desaparecer alegremente nas profundezas do lago. Isto não agradaria nada a Cozinheira.

— Ah, aí estás tu. Suponho que não tenhas visto o meu microscópio, certo?

Tropelia deu um pulo de surpresa. Ultimamente, Fenomenal tornara-se bastante furtiva. Estava na beira do pontão, com a sua bata de laboratório a brilhar ao sol, apontando uma sobancelha erguida para a sua irmã meio afogada.

Tropelia pensou depressa.

— Bem, sim — respondeu ela. — Eu vi o teu microscópio. Muitas vezes.

— E recentemente? Digamos, na última hora?

Tropelia nunca mentia. Limitava-se a contar uma versão da verdade, o que enfurecia todos, incluindo Tropelia, que tinha de estar sempre a inventar formas criativas de dizer a verdade, para não se meter em apuros. Pensava com frequência em escrever um manual sobre o tema.

— Já passou... algum tempo desde a última vez que o vi — disse, de forma vaga. Tecnicamente, um minuto contava como «algum tempo». Mas Fenomenal crescera com Tropelia e iniciara a conversa com a vantagem desleal de conhecer a maioria dos seus truques.

— É só porque, quando perguntei à Cozinheira — prosseguiu Fenomenal —, ela disse que também não o tinha visto, mas que te *tinha* visto a vir para o jardim com um objeto tapado, que ela descreveu como sendo «do tamanho de um microscópio».

Tropelia fez questão de não olhar para baixo dos seus pés inquietos, sob os quais o microscópio se aninhava cada vez mais na lama.

— Tens a certeza de que ela não disse «microscópico»?

— Tenho — disse Fenomenal. Ela semicerrou os olhos através dos óculos. — Não é preciso ser cientista para recolher os dados e chegar a uma conclusão.

— Não me disseste uma vez — tentou Tropelia —, que a correlação não é o mesmo...

— O meu microscópio está no lago, não está?

— Sim, está no lago.

Fenomenal suspirou e estendeu uma mão para ajudar Tropelia a içar-se para o pontão.

— Não esperava que ficasse preso — murmurou Tropelia como quem pede desculpa. — Eu *ia* trazê-lo de volta.

— Tal com a estátua, o candelabro e o batente decorativo da porta?

Tropelia estremeceu. O fundo do lago era agora uma Atlântida de quintal, em que estranhos objetos espreitavam do lodo, como relíquias de uma civilização há muito perdida. Tropelia nunca teria levado o microscópio de Fenomenal se não tivesse ficado sem outras coisas pesadas e menos importantes.

— E imagino que não me vás contar o que andas a fazer? — perguntou Fenomenal.

— Vais contar-me o que *tu* andas a fazer na divisão secreta, com o ECE?

— Oh, claro que não.

As irmãs sorriram uma para a outra, cada uma radiante com os seus segredos, e dirigiram-se de volta a Casa.

Há semanas que Tropelia se esquivava às perguntas da Família sobre o que fazia no lago. Dizia-lhes que estava a treinar para ser escapista, o que era uma meia verdade. O escapismo era uma aptidão muito útil, tal como fazer malabarismos, e podia ajudar em todo o tipo de situações. Mas a verdade é que ela precisava de pesos para a puxarem para o leito do lago o mais rapidamente possível, para ter mais tempo para vasculhar a lama, em busca do tesouro há muito desaparecido do Tio-Avô Vil.

Tropelia lera uma vez que Harry Houdini conseguia sustentar a respiração por mais de três minutos. Até agora, ela chegara aos dois minutos e dois segundos. Ficara desiludida com o seu progresso, até se lembrar de que os pulmões dele eram muito maiores do que os seus; ainda que, assim sendo, como o corpo dele também era muito maior, talvez ele precisasse de mais oxigênio do que ela... A pergunta sobre quem tinha uma melhor capacidade respiratória teria sido excelente para colocar a Fenomenal, mas Tropelia não podia fazê-lo, porque prometera a si mesma que não falaria do tesouro aos seus familiares até ter decidido o que fazer com ele.

Não é que ela não conseguisse decidir. Tomava pelo menos três decisões diferentes por semana. Deitada na cama, enquanto fitava a chuva a tamborilar na sua claraboia, pensava: *Vou usá-lo para levar a ArquêTia Schadenfreude de férias. Ela não vai querer, mas de certeza que, se lhe pusermos umas palas, como as de um cavalo, conseguimos levá-la para uma estação de comboios sem que ela fuja a sete pés.* Quando ouvia Cozinheira dizer-lhe como fazer uma omelete, pensava: *Talvez pudesse comprar todos os pimentos verdes do mundo e afundá-los no fundo do oceano e depois mais ninguém teria de os comer.* Enquanto lia num cantinho recôndito da Casa, pensava: *Talvez dê o dinheiro a um orfanato, como uma velhota sem herdeiros e portadora de um segredo terrível. De certeza que um destes dias terei um segredo terrível.* E as suas ideias davam voltas e mais voltas, até os seus sonhos serem um remoinho de dourado e prateado e de crianças alegres, todas a cecear.

Enquanto Tropelia tirava plantas aquáticas do cabelo, Fenomenal passou-lhe uma tira de papel.

— Encontrei isto na minha sanduíche — disse ela. — Temos outra Reunião de Família.

Tropelia semicerrou os olhos para a caligrafia, praticamente ilegível por causa da manteiga de amendoim. Dizia:

*Recebo-vos de braços bem abertos
no local onde o sol é guardado.*

Quando a ArqueTia Schadenfreude se retirara há vários meses, nomeara Fauna, uma prima em segundo grau, a nova Matriarca da Família Swift. Fauna foi a escolha perfeita. Era bondosa, progressista e otimista, em muitos sentidos, o oposto da Tia Schadenfreude. Como parte do seu novo cargo, Fauna mudara-se para a Casa Swift, separando-se pela primeira vez da sua gémea, Flora.

Fora uma adaptação para todos. Em dias soalheiros, Fauna ia até à aldeia, calando os rumores de que a Casa Swift era um covil de vampiros. Ela convidava Solimão, o intrépido carteiro, para tomar chá. Assumira um papel ativo nos ensaios para o funeral da Tia Schadenfreude e impressionava-a profundamente ao chorar todas as vezes.

Mas o mais difícil era habituarem-se à sua insistência em realizar Reuniões de Família. A Tia Schadenfreude considerava que falar com as crianças mais do que uma vez por dia era mimá-las, e a ideia de se sentarem a discutir os seus sentimentos, planos e feitos não combinava com os habitantes

da Casa Swift. Numa tentativa de os conquistar, Fauna decidira organizar cada reunião numa divisão diferente, com a hora e o local escondidos num enigma, deduzindo astutamente que o seu espírito competitivo garantiria que apareceriam.

— «*O local onde o sol é guardado*» pode ser a estufa — sugeriu Tropelia.

— Um local onde o sol é «conservado» ou guardado, sim — disse Fenomenal.

— E «*os braços bem abertos*»?

Fenomenal esticou os braços, como se esperasse um abraço.

— Imagina que eu sou um relógio.

— Oh! As tuas mãos estariam no nove e no três. Então, um quarto para as três?

— Ou nove e um quarto, mas isso parece um pouco tarde.

Tropelia pegou no pulso de Fenomenal e verificou as horas. Eram vinte para as três.

— Achei melhor vir buscar-te — explicou Fenomenal. — Também devia haver um bilhete na tua sanduíche, mas não há dúvida de que o comeste.

Estava calor na estufa, com as plantas a absorverem o sol e a exalarem um aroma verde que Tropelia achou um pouco sufocante. Fauna estava sentada numa cadeira de vime, a responder a algumas das mensagens da Família alargada. Várias extensões de fio entrecruzavam-se na divisão,

com envelopes presos no estendal com molas de cores vivas. De vez em quando, Fauna tirava um envelope do estendal e, com o chocalhar de uma roldana, outro conjunto de cartas rodava na sua direção. Com o seu cabelo ruivo, solto e ondulado, e um novo gosto por vestidos esvoaçantes, ela parecia um elfo abrigado entre as folhas gigantes da *monstera* e dos vasos de palmeiras.

Tropelia escorreu o cabelo para dentro do vaso mais próximo e esparramou-se no chão, junto à cadeira do Tio Turbilhão. Ele ergueu as suas consideráveis sobranceiras ao ver a corda ainda atada à volta do seu pé.

— Isso parece-me familiar — disse ele.

— Ai sim?

— Hum. Parece corda de sisal. Lembro-me de há dias ter deixado um pedaço na minha secretária, depois de ter voltado a pendurar a minha cama de rede.

Ele tirou um canivete do bolso, selecionou uma lâmina entre a esferográfica e as canetas de tinta permanente e serrou cuidadosamente o nó do tornozelo de Tropelia. Ela agradeceu o gesto, já que o seu pé estava a ficar roxo.

— Poderás ter interesse em saber que este tipo de corda incha quando fica molhada — acrescentou ele —, o que significa que qualquer nó que ates com ela fica firmemente preso debaixo de água.

— Oh — disse Tropelia.

— Em ambientes húmidos, é melhor usar corda sintética e atá-la com folga. Aquilo que enrolei à volta do meu bengaleiro, por exemplo, é à prova de água. — Ele piscou-lhe o olho.

Era por isto que Tropelia adorava o Tio Turbilhão. Se ela anunciasse que ia saltar de um avião, ele não tentaria impedi-la. Ensiná-la-ia a fazer um paraquedas.

— Muito obrigada a todos por terem vindo — disse Fauna, servindo chá com uma mão e repondo uma mola com a outra. Ela tinha uma expressão ligeiramente carrencuda, que a fazia parecer a sua irmã. — Como estamos hoje?

Ela inspecionou o círculo de parentes. Havia a Tia Schadenfreude, reclinada confortavelmente com um livro de bolso usado e com a cara toda lambuzada de algo verde; Cozinheira, com as mangas arregaçadas até aos cotovelos e o seu cabelo curto manchado com óleo de motor; Fenomenal, que tomava notas no seu diário; Turbilhão, esmagado na sua cadeira demasiado pequena; e, por fim, Tropelia, que tentava recuperar as sensações nos dedos dos pés. A mais velha das crianças Swift estava ausente. Felicidade estava no estrangeiro com Flora e Margarida, numa estada de algumas semanas em Paris. Ela telefonava, quando se lembrava, e ia polvilhando a conversa com pequenas frases em francês para mostrar que agora era sofisticada.

O outro único residente da Casa Swift era o Gato João e ele também não estava presente, já que os enigmas não eram o seu forte.

— É bom que isto não demore — disse rispidamente a Tia Schadenfreude. — Estava a chegar a uma parte boa deste livro muito tolo.

O livro em causa tinha uma imagem de uma mulher na capa, desmaiada nos braços de um lobisomem musculado. Schadenfreude tinha-se realmente dedicado à reforma. Cozinheira até lhe comprara um par de chinelos felpudos, que a Tia Schadenfreude insultara violentamente e usara todos os dias desde então.

— Certo — disse Fauna. — Cozinheira? Turbilhão? Estão bem? Ótimo. Meninas?

— Estamos bem — disseram Fenomenal e Tropolia em coro.

— Não sentem saudades da Felicidade?

— Ná — disse Tropolia.

— Até me esqueci de que ela não estava — disse Fenomenal.

— Quem é a Felicidade? — acrescentou Tropolia.

— Não há problema se tiverem saudades dela, sabem — disse Fauna. — Estiveram juntas toda a vossa vida. É uma grande mudança.

— Eu *sei* que não há problema. — Tropolia suspirou. — Mas não tenho mesmo saudades.

— Ela deve estar a divertir-se à grande — acrescentou Fenomenal. — A conjugar verbos para as pessoas e a comprar lenços de seda.

O sorriso de Fauna era triste.

— Podem ficar contentes por ela estar a viver a vida sem vocês e ficar felizes por viverem a vossa vida e, ainda assim, sentir saudades dela — insistiu. Pestanejou com força. — Uma vez que ela está em Paris e está muito longe e que é a vossa melhor amiga.

— Ela não é a minha melhor amiga — murmurou Tropelia, enquanto Cozinheira passava um lenço a Fauna. — Ela nem sequer é a minha melhor irmã.

Cozinheira emitiu um som de desaprovação ao ouvir isto, mas há alguns meses Tropelia e Felicidade tinham posto fim ao seu antigo ressentimento. Ainda se insultavam mutuamente, mas agora Felicidade sorria quando chamava peste a Tropelia, que retirava aranhas do quarto de Felicidade em vez de as colocar lá.

— Bem — Fauna assoou-se —, a Felicidade é, na verdade, o motivo por que vos chamei aqui. — Ela arrancou uma carta do fio por cima da sua cabeça e alisou-a sobre o joelho. — A vossa irmã enviou-nos uma carta e, enfim, antes de a ler, deixem-me dizer-vos que acho que não temos de nos preocupar.

— É sempre *tão* reconfortante ouvir isso — murmurou a Tia Schadenfreude.

— É só porque eu sei que vão reagir mal — disse Fauna —, e acho realmente que não há necessidade. Hum. Vou ler, simplesmente.

Felicidade aprendera a escrever a partir de romances que se desenrolavam no século XIX, daqueles em que as pessoas eram acometidas por febres quase fatais por cada pequena coisa. Tropelia achava que, nas cartas, Felicidade soava sempre como se fosse anunciar o seu casamento iminente ou a sua morte iminente. Esta carta dizia:

Para a minha estimada família, de quem estou tão cruelmente apartada (e também para a Tropelia),

Escrevo-vos de um café nos Champs-Élysées, com um bule de café à esquerda, um bolo Opéra à minha direita e, no meio, uma vista perfeita para os cidadãos mais elegantes de Paris. A Margarida teve a amabilidade de me oferecer esta petite gâterie (significa «docinho»), que acho que custou tanto como o meu último par de sapatos. Ela e a Flora estão neste momento numa parfumerie (que é uma «perfumaria») do outro lado da rua e, se eu semicerar os olhos, consigo vê-las através da montra a borrifarem-se com perfume.

Ontem aconteceu algo que será do vosso grande interesse. Enquanto estava a visitar La Garde-robe (um museu de moda), fui abordada por uma prima nossa! Chama-se Pomme, e achei-a encantadora e muito simpática. Convidou-me para ficar com os nossos parentes franceses, os Martinets, no hotel deles. Fiquei algo surpresa, já que nem sequer tinha conhecimento de que tínhamos parentes franceses, muito menos com um apelido especial e um hotel só deles!

Decidi aceitar a oferta da Pomme e irei, doravante, separar-me da Flora e da Margarida. É evidente que sei que é habitual para as jovens da minha idade Andarem Pela Cidade com as suas tias, mas acredito que as minhas acompanhantes beneficiariam de um tempo desacompanhado para si próprias (por favor, imagina que te estou a lançar um olhar eloquente, Fauna). Dirigir-me-ei para

o Hôtel Martinet esta noite e, por isso, incluí no remetente uma nova morada, que devem usar nas vossas cartas.

À bientôt (ou seja, «até breve», basicamente),

Felicidade

Para Tropelia, era uma carta perfeitamente normal, mas a Tia Schadenfreude acenou sombriamente.

— Ora, aí está — disse ela num tom brusco. — Podemos dar a Felicidade como morta.



Tropelia conseguia sentir o seu cabelo a começar a secar, pegajoso e desconfortável, e a cheirar vagamente a água do lago. A Felicidade morta?

Fauna suspirou.

— Era isto que eu receava. Está a ser *dramática*, Tia Schadenfreude. A nossa relação com os Martinets pode ser... tensa, mas dificilmente será homicida.

— Não desde há anos — atalhou Turbilhão.

Tropelia pestanejou. Tinha definitivamente perdido algo importante algures. Nunca ouvira falar dos Martinets e tinha a certeza de que, se houvesse uma vendeta a decorrer, ela teria sido a primeira a saber.

— Além disso, Titi, eles são Família — acrescentou Fauna.

— Exatamente — fungou Schadenfreude. — Somos todos umas criaturas duvidosas.

— Perdão? — disse Tropelia — Estão a dizer que estamos *em guerra* com os nossos primos?

— Não! É apenas um feudo tonto — insistiu Fauna, esfregando as têmporas. — Não estamos em guerra há muito, muito tempo.

— Mas *estivemos*?

Schadenfreude limpou os últimos resquícios de visco verde da cara com um guardanapo.

— Não exatamente. Por norma, os Swifts tentam manter-se longe das forças armadas. Para começar, há demasiados desfiles. Mas a Inglaterra e a França estiveram em guerra tantas vezes ao longo da história que era inevitável que os Swifts e os Martinets às vezes se defrontassem.

— E é por isso que nos odiamos mutuamente? — perguntou Tropelia.

— Oh, não — disse Schadenfreude com desdém. — Isso é apenas política. Todos compreendemos que um primo poderá ocasionalmente abaionetar outro. Não, nós odiamo-nos porque não estamos de acordo sobre quem chegou primeiro.

Imaginem duas crianças desagradáveis que vivem de lados opostos de uma longa extensão de água e que atiram pedras uma à outra sempre que podem. Inglaterra e França são assim.

Em 1066, depois da morte do rei Eduardo de Inglaterra, o *Confessor*, Guilherme I, o Duque francês da Normandia — subsequentemente conhecido em Inglaterra como «Guilherme, o *Conquistador*», por motivos que se tornarão óbvios —, pegou num bando de arqueiros e atravessou aquela extensão de água para reivindicar o trono. Infelizmente, Haroldo Godwinson, o sucessor de Eduardo, já o havia ocupado. Depois de uma breve escaramuça que banhou

de sangue os campos de Hastings, Guilherme ficou com o trono e os normandos mudaram-se para Inglaterra.

Os normandos ficaram durante muito tempo. Ficaram, na verdade, durante tanto tempo que eles próprios se tornaram ingleses. Mas, entretanto, do outro lado daquela extensão de água, França continuava ali. A Conquista Normanda fora apenas o início de um conflito que grassaria durante séculos. Ao longo dos 600 anos seguintes, Inglaterra e França passaram por revoltas, querelas, casamentos políticos, tentativas genuínas de paz, tentativas falsas de paz, assassinatos, ocupações e desacordos violentos sobre quem podia colonizar que partes do mundo — desacordos esses, é preciso notar, em relação aos quais as pessoas que já lá moravam não foram consultadas. Até cerca do ano 1900, as guerras entre Inglaterra e França eram tão previsíveis como os autocarros — podíamos sempre contar com uma mais ou menos na próxima década.

O que é que isto tem que ver com os Swifts e os Martinets? Ora, com Inglaterra e França a atirarem pessoas e línguas para a frente e para trás durante tanto tempo, ninguém na Família se entendia sobre se fora alguém com o apelido Martinet a ir para Inglaterra e a mudar o seu nome para Swift ou se fora um Swift a ir para França e a mudar o seu nome para Martinet. Trata-se inquestionavelmente da mesma Família — um *martinet* e um *swift* são a mesma ave, um andorinhão, em francês e em inglês —, mas quem chegou primeiro? Os Arquivistas refletiram sobre esta questão ao longo de gerações, mas não há simplesmente maneira de ter

a certeza. Por conseguinte, os Martinets geralmente não vêm às Reuniões da Família Swift. E quando dois primos se *encontram* numa festa, pouco depois esta *deixa* de ser uma festa e passa a ser um concurso de lançamento do machado, uma corrida de carros ou uma boa e velha briga de socos.

— O Primo Emplumado perdeu um olho a jogar dardos com a Chouette Martinet — disse a Tia Schadenfreude, começando a enumerar pessoas com os dedos. — O Trefoil Martinet partiu uma perna a esquiar com a minha Avó Destemida e nunca lhe perdoou. O Luxe e o Acolá pereceram ambos no *Titanic*, o que dificilmente seria culpa *nossa*...

— Isso é tudo história, Schadenfreude — disse Fauna. — A verdade é que há mais de cem anos que não ocorre uma morte Swift–Martinet.

— Ah, sim? — disse Schadenfreude maldosamente. — Parece-me que morreu um Martinet há pouco tempo nesta mesma Casa. O irmão da Pomme, na verdade. Que alegria saber que foi só imaginação minha.

Isto fez com que Fauna parasse abruptamente. Pamplemousse de Pastiche Martinet — contador de histórias, *émigré* e duelista notável — era o mais novo residente do cemitério atrás da Casa Swift. Um homem emotivo, apreciador de armas antigas, insultos criativos e jogos de tabuleiro, encontrara a sua morte num jogo de *Scrabble* durante uma recente Reunião da Família Swift, às mãos de um parente trapaceiro, determinado a apoderar-se do tesouro perdido do Tio-Avô Vil. Tropolia fora forçada a abandonar a sua própria caça ao Tesouro Escondido para poder apanhá-lo.

— Isso foi diferente — argumentou Fauna.

— E achas que eles se importarão? É perfeitamente possível que os Martinets queiram ajustar contas, e a Felicidade está convenientemente à mão.

— Então, a Felicidade está hospedada no hotel assassino da Família? — perguntou Tropelia, que sentia que uma injustiça importante estava a ser ignorada. — Porque é que *eu* não posso ficar hospedada no hotel assassino da Família?

— Por favor, não lhe chames hotel assassino — disse Cozinheira, empalidecendo. — A tua irmã não está hospedada num hotel assassino.

— Ainda não — murmurou a Tia Schadenfreude.

— A Felicidade está *bem* — disse Fauna, erguendo a voz muito ligeiramente. — E, na verdade, acho que devíamos encarar isto como um passo positivo para a união da Família. A Felicidade foi *convidada* a ficar lá. Há quanto tempo é que isso não acontecia? Talvez possamos aproveitar esta oportunidade. Acho que nos devíamos juntar a ela.

Turbilhão inclinou-se para a frente, com os olhos a brilhar.

— Acho que é uma excelente ideia.

— Sabem, andei na escola de culinária com um Martinet — disse Cozinheira. — Talvez *devêssemos* aproximar-nos.

— Ah! — troçou a Tia Schadenfreude.

— Titi, por favor. É uma verdadeira oportunidade para sararmos as nossas desavenças!

— Ora, não sei porque estão a tentar convencer-me — irritou-se Schadenfreude. — Esta é uma decisão para a Matriarca, que és tu, minha menina.

Fauna pestanejou. Olhou à volta, para os fios do estendal que se cruzavam, cheios de cartas, como se estivesse a lembrar-se de que sim, havia um motivo para ela estar sentada no meio deles. Schadenfreude olhou-a com uma satisfação presunçosa.

— Então... então, é isso que vamos fazer — disse Fauna. — Faremos uma visita aos Martinets e resolveremos as nossas questões. Independentemente da forma como pronunciamos o nosso apelido, somos Família.

Turbilhão levantou-se abruptamente, perturbando a nuvem de vapor que subia de Tropelia.

— Bem dito, Matriarca! — disse ele explosivamente. — Devíamos zarpar amanhã, ao raiar da aurora.

— Esperem — disse Fauna. — Era um «nós» geral. *Eu* não posso ir. Como Matriarca, o meu lugar é na Casa Swift. Como podem ver — ela fez um gesto para o estendal —, tenho um longo rol de tarefas. Pensei que talvez tu e a Cozinheira...

— Eu não posso — disse Cozinheira, com um ar infeliz. — Viajar é... complicado para mim. Não tenho passaporte.

— Eu não saio desta Casa há décadas e não estou disposta a sair agora — acrescentou Schadenfreude.

Turbilhão encolheu os ombros.

— Então, serei apenas eu e as meninas... Porquê essas caras? Obviamente, a Tropelia e a Fenomenal irão.

— Obviamente. — Tropelia tremeu. Parecia que todos os órgãos do seu corpo estavam a mudar de sítio, mas no bom sentido. Infelizmente, a sua excitação não durou

muito. Quanto mais o seu sorriso crescia, mais preocupados os outros adultos ficavam.

— Não estou certa de que seja boa ideia, Turbilhão — disse Cozinheira.

— Porquê? Se os Martinets tentarem alguma coisa, ficarei contente por ter a proteção delas. — Turbilhão piscou o olho a Tropelia, que brandiu os punhos.

— É mais... bem, esta seria uma visita diplomática — disse Fauna.

— Achas que não conseguimos ser diplomáticas? — desafiou-a Fenomenal, cruzando os braços.

— Não é isso — disse Fauna, e Tropelia conseguia ver o vestígio de uma mentira junto à sua orelha. — Só acho que precisamos de alguém que conheça a história entre os Swifts e os Martinets. Alguém com autoridade dentro da nossa Família, já que eu não posso estar lá. Enquanto nossa Arquivista, acho que a Tia Herança é a nossa melhor hipótese.

Era bastante possível que ninguém na história do mundo alguma vez tivesse dito aquelas palavras naquela ordem. Tropelia ficou de queixo caído.

— *O quê?!* — exclamaram em uníssono Tropelia e Turbilhão.

Ser deixada de fora de uma possível aventura era suficientemente mau, mas escolherem a Tia Herança, um copo de leite morno em forma humana, em vez *dela*? Era impensável.

— Ora essa, manda a Herança também — disse Turbilhão —, ela é a perita em assuntos da Família, mas no que toca ao charme...

Fauna ergueu uma mão.

— Eu compreendo. Meninas — disse ela calmamente —, acho que os adultos precisam de ter uma conversa terrivelmente aborrecida. Porque é que não vão e, hum, escrevem uma carta à Felicidade? Tenho a morada aqui...

Tropelia não tirou os olhos do Tio Turbilhão. Se havia um momento para manifestar poderes psíquicos, era agora.

Convence-as a deixarem-nos ir, pensou na direção dele. *Não traias o nosso laço sagrado.*

Turbilhão não olhou na direção de Tropelia, mas coçou a orelha enquanto ela saía, por isso, talvez tivesse captado alguma coisa.

As botas de Tropelia já estavam meio descalças antes de a porta da estufa se fechar atrás de si. Ela não ia correr riscos. Fenomenal revirou os olhos.

— A sério?

— Chiu! Sabes que pareces *tanto* a Feliz quando fazes isso?

Tropelia enfiou as botas nos braços da irmã. Elas esperaram; dez segundos... quinze... e depois:

— Sabemos que estão a ouvir atrás da porta, meninas!
— disse Cozinheira.

Tropelia gemeu teatralmente.

— NÃO É JUSTO! — queixou-se, exagerando um pouco nos decibéis, pelo sim pelo não. — ANDA, FENOMENAL! VAMOS EMBORA!

Ela fez um gesto apressado. Com a facilidade da experiência, Fenomenal pendurou as botas de Tropelia pelos atacadores, uma em cada mão e fê-las caminhar ao seu lado

pelo corredor. Era um velho truque de Tropelia. Desde que não se escutasse com muita atenção, pareciam dois pares de passos a afastar-se. A parte mais difícil era tentar não se rir da passada corcunda que Fenomenal tinha de adotar para se assegurar de que as botas batiam no chão.

À medida que o som de uma pessoa e quatro sapatos esmorecia, Tropelia ouviu a voz de Cozinheira.

— Turbilhão, tens andando a beber água do mar? — sibilou ela. — Agora que já introduziste a ideia na cabeça das miúdas, elas vão implorar para ir. Se não dissermos que sim, quando chegar a manhã a Tropelia estará a ir de boleia para Dover.

— Oh, não me parece — protestou Turbilhão. — Ela é perfeitamente capaz de roubar um carro.

Tropelia teve de morder os nós dos dedos para se impedir de rir, embora conseguisse ouvir Cozinheira a ranger os dentes através da porta.

— Acho que o que a Cozinheira está a *tentar* dizer — interveio Fauna apaziguadoramente — é que, quando tomamos decisões em relação às crianças, primeiro devíamos discutir juntos as nossas opções e apresentar uma frente unida...

— O quê? Não — troçou Cozinheira. — Estou a dizer que o Turbilhão está em pulgas para ir de viagem sem pensar na segurança das meninas!

— Elas saíram-se bem a resolver aquele caso na Reunião — comentou a Tia Schadenfreude. O seu tom indicava que não estava a prestar grande atenção à conversa. Tropelia sabia que isto era uma artimanha.

— Mas elas não tinham obrigação de o fazer — disse Cozinheira. — Tiveram de passar por muito e isso foi apenas há alguns meses! Agora queres mandá-las para o estrangeiro pela primeira vez na vida? Sozinhas?

— Sozinhas? — retorquiu Turbilhão. — E o que sou eu, afinal? Um espanador?

— Não, mas acho que é egoísta arrastares as meninas para o outro lado do Canal da Mancha só porque estás *entediado!*

De repente, Tropolia desejou não estar a ouvir. Cozinheira e Turbilhão brigavam ocasionalmente, mas era sempre em relação a coisas tolas, como a forma certa de consertar a canalização ou quem era o melhor cantor de *blues*. Esta era uma briga verdadeira, daquelas que ela costumava ter com Felicidade antes de declararem tréguas. E estavam a discutir acerca dela.

Tropolia ouviu Cozinheira suspirar. A seguir, com uma voz mais suave, disse:

— Desculpa, Turbilhão. Fui injusta. Mas ultimamente tens andado muito inquieto; todas nós reparámos. Quanto disto se deve, na verdade, ao facto de queres outra aventura?

A cadeira de Turbilhão rangeu. A sua voz saiu grave e embaraçada quando disse:

— Não vou negar. Sinto um formigueiro nos pés.

— Claro que sentes. Quando foi a última vez que saístes da Casa?

— Há vários cabelos brancos atrás, aposto — disse Schadenfreude, e Turbilhão riu-se com tristeza.

— Turbilhão, não tens de ficar tão preso à Casa — disse Fauna. — Se queres viajar, então força, vai. Tira umas férias! Ou se quiseres verdadeiramente ir a Paris, vai a Paris. Alguém teria de ir com a Herança de qualquer modo, para compensar a... personalidade dela.

— Ir, simplesmente? Sem as crianças?

— *Sem as crianças* — disse Cozinheira. A sua voz era baixa, mas firme.

Diz que não, pensou Tropelia furiosamente. *Tu és o meu aliado. Diz que não vais sem mim.*

— Eu vou... pensar nisso — disse Turbilhão.

Tropelia amou durante o resto do dia. Sentiu-se tentada a desafiar Fauna para um duelo, mas estes tinham perdido um certo interesse desde que Pamplemousse fora morto no relvado da frente. Ela nem tinha a certeza se era com Fauna que devia lutar, uma vez que estava zangada com todos os adultos da Casa. Turbilhão já tivera as suas aventuras; tantas que estava a escrever um livro sobre elas. O facto de ele considerar partir para mais aventuras sem ela — e também sem Fenomenal, já agora — era uma traição do mais alto nível. Só era tolerável que Turbilhão tivesse deixado Tropelia de fora das suas proezas anteriores porque ela ainda não tinha nascido.

A coisa que mais irritava Tropelia era o facto de Cozinheira ter razão: o Tio Turbilhão andava um pouco inquieto ultimamente, como se tivesse uma febre que não passava. Ela compreendia porque sentia muitas vezes

o mesmo. Piorara ao longo dos meses e tinha-se tornado insuportável desde que Felicidade partira para França. Tropolia queria *sair*.

Uma vez que não tinha selva, montanha, nem vida selvagem local e perigosa, Paris nunca ocupara um lugar muito alto na lista de locais a visitar de Tropolia. Mas agora que estava ao alcance de uma mão, Paris tornara-se o destino mais interessante do mundo. Cada edifício da cidade teria corredores por onde ela nunca correria, esquinas que ela nunca dobraria. Ela até poderia experienciar ruas. No plural! A aldeia local só tinha uma. Paris devia ter pelo menos *dez*.

Tropolia considerou aquilo que sabia de facto sobre Paris e constatou que quase tudo era superficial e uma caricatura — chapéus de abas, *t-shirts* às riscas e pão comprido —, por isso, passou o resto do dia a ler todos os livros que conseguiu encontrar sobre a cidade, evitando cuidadosamente perder uma mão numa das armadilhas da biblioteca.

Quando foi para a cama, estava escuro e o silêncio era quase absoluto, tirando o roncar do seu estômago (em protesto, faltara ao jantar) e a vibração grave que emanava da outrora câmara secreta que continha o comunicador Externo-Cinestético-Elétrico. Recentemente, Fenomenal passava cada vez mais tempo com o ECE, tentando perceber como funcionava. *É provável que ela se sinta muito satisfeita por ficar em casa com a sua investigação*, pensou Tropolia melancolicamente.

Felicidade estava em Paris. O Tio Turbilhão também ia para lá. Até a Tia Herança ia, e provavelmente levaria Erf,

de quem Tropelia se tornara melhor amiga. Tropelia atirou-se para a cama, assustando o Gato João, que dormitava na sua almofada. Na parede, havia uma colagem de postais enviados pelos seus pais ao longo dos anos, dos muitos cantos do mundo que eles tinham visitado. *Saudações de Reykjavik! Bom dia, da Austrália! Com Amor, de Lagos!*

Tropelia adormeceu a ler *Gostava Que Estivesse Aqui* vezes sem conta.



Tropelia acordou às quatro da manhã, hora a que o sono aperta com mais força e temos mesmo de nos contorcer para sair das suas garras. *Ela* até podia ter decidido fazer greve de fome, mas o seu estômago não concordara. Ficou deitada no escuro durante vários minutos a argumentar com ele, mas um estômago é incapaz de ouvir a voz da razão. Levantou-se, com a intenção de ir à cozinha tomar um pequeno-almoço antecipado.

Ainda estava escuro, mas Tropelia não ligou luz nenhuma. Quando moramos num edifício há bastante tempo, este torna-se uma extensão do nosso corpo. É possível sentir movimento dentro das suas fronteiras, do mesmo modo que se sentiria um inseto a rastejar sobre um pedaço ínfimo de pele ou a respiração a agitar um cabelo perdido. Isto significa que, quando Tropelia chegou ao corredor do terceiro andar, soube que algo estava errado pelo modo como a sua nuca começou a formigar.

Parou junto à porta chamuscada da sala do ECE, à escuta. Conseguia ouvir o zumbido da máquina — que Fenomenal devia ter deixado ligada — e a princípio pensou

que fora isso que a sobressaltara. Mas o seu pescoço formigou durante todo o corredor e enquanto desceu as escadas, até ela olhar para o salão e ver os intrusos.

Havia cinco, vestidos em tons de negro que não condiziam e mascarados com balaclavas. Um deles estava dobrado sobre um pequeno objeto no chão. Outro sacudia uma extensão enorme de tecido e outro segurava um objeto plano e quadrado debaixo do braço. Trabalhavam rápida e silenciosamente, à luz de lanternas de campismo.

Eles viram-na no mesmo instante em que ela os viu e pararam a meio das suas tarefas.

As pessoas reagem de formas estranhas quando são surpreendidas. Nem sempre gritam ou correm. Muitas vezes, o cérebro tira umas férias e o corpo faz algo embaraçoso, como agitar-se freneticamente e deixar cair coisas. A visão de cinco pessoas inesperadas em sua casa era tão inusitada que Tropelia não se deu ao trabalho de entrar em pânico e o seu estômago, que ainda estava aborrecido com a greve de fome, chegou-se à frente para assumir o controlo da situação.

— Bom dia — disse Tropelia inadvertidamente. — Querem pequeno-almoço? Estava a pensar fazer ovos.

Os intrusos entraram em ação. Um deles, uma pessoa magríssima com cabelo espetado a sair da máscara, deixou cair o tecido em que segurava. Outro desviou-se para o lado, com os óculos a reluzir, e ligou um interruptor. Ouviu-se o gemido de um motor a arrancar e os intrusos saíram a correr pela porta aberta da frente.

— Ei! — gritou Tropelia, agarrando num elmo de uma armadura ali perto e atirando-o pelas escadas abaixo com um estrondo suficientemente audível para acordar a Casa toda. Depois, saltou para o corrimão. Eles estavam a fugir e isso significava que ela tinha de os perseguir. O seu estômago continuava a controlar a sua boca, e ela berrou «PREFEREM OS OVOS ESTRELADOS OU MEXIDOS?» enquanto deslizava para baixo. Pelo menos isto soava ameaçador.

Tropelia bateu no chão e quase tropeçou em qualquer coisa que brilhava tenuemente à luz da uma lanterna abandonada. Um líquido espirrou para o seu sapato. Atrás de si, ela ouviu a porta que ia dar à cozinha a abrir-se com um estrondo quando Cozinheira surgiu de rompante, a usar meias felpudas e a brandir um haltere.

— EXPERIMENTA, SEU LAMBE-BOTAS... Com mil palavras, *o que é aquilo?*

O gemido do motor tornou-se mais agudo e Tropelia virou-se para ver algo que se movia no chão entre ela e Cozinheira. Era uma enorme massa escura, disforme e monstruosa, içando-se como um gigante com dificuldade em levantar-se.

A luz resplandeceu. Cozinheira ligara o interruptor e Tropelia estremeceu com o clarão repentino. No meio do salão estava uma vasta poça de tecido, que se torcia e sacudia enquanto se enchia de ar. Um membro mirrado, castanho e curvado para trás, saiu disparado e derrubou um quadro da parede. Um segundo depois, o seu par emergiu com um ligeiro *tum*, derrubando algo metálico e cheio de água.

— É uma espécie de balão? — Tropelia ouviu Cozinheira dizer, quase para si mesma. — E isto são... chaleiras?

Tropelia olhou à sua volta. De facto, o salão estava repleto de chaleiras: chaleiras em chapas quentes, chaleiras em fogões portáteis, chaleiras sobre bicos de Bunsen e equilibradas em aquecedores. A cena era tão absurda e inesperada que Tropelia sentiu uma gargalhada borbulhar na sua garganta, uma gargalhada que se transformou num grito quando a forma à sua frente duplicou abruptamente de tamanho. Agora, dava para perceber que era um pássaro com as asas esticadas, embora a sua cabeça vazia ainda estivesse pendida sobre o peito, como se o pescoço estivesse partido. Enquanto o ar enchia o corpo, a cabeça endireitou-se com um estalo, oscilando até ficar no lugar e fitando-a com um olho dourado e reluzente.

Tropelia deu um passo atrás. Ouviu Cozinheira praguejar. Várias chaleiras começaram a entrar em ebulição.

Foi nesse instante, quando o ridículo da situação atingia o seu auge, que ela ouviu o guinchar de travões, o estampido de um carro a arrancar e reparou num arbusto que passava rapidamente pela porta da frente, a cerca de 65 km por hora.

Tropelia correu lá para fora e viu o arbusto virar uma esquina depressa, perdendo alguns ramos para a física inexorável. Por baixo da folhagem, estava uma carrinha atarracada e antiquada, com uma figura corpulenta num *maillot* preto brilhante agarrada ao tejadilho. Uma pessoa com uma trança preta comprida estava pendurada na janela do passageiro, a ver se estavam a ser seguidos.



— Ei! — gritou Tropelia novamente, apesar de saber que já não os conseguiria apanhar.

Com uma elegância suave e sinuosa, a figura de *mail-lot* balançou-se do tejadilho e entrou pelas portas traseiras abertas da carrinha. O último membro do grupo esticou-se para fechar as portas e, durante um segundo, os seus olhos encontraram os de Tropelia. Aquele segundo pareceu estender-se durante uma hora, até Tropelia sentir que tinham tido toda uma conversa — embora ela não pudesse reproduzi-la se lho pedissem.

A seguir, o ladrão fez-lhe uma pequena continência irónica e fechou as portas. A carrinha lançou-se para outra curva no caminho e depois desapareceu.

Dentro de Casa, as chaleiras começavam a apitar. As asas do pássaro rangiam conforme tocavam nas paredes do salão. Os seus olhos estavam inchados. Tropelia conseguia ver Turbilhão e Fauna no topo das escadas, e a cara de cada um espelhava a perplexidade do outro.

— Com mil ventos e trovoadas! Alguém está ferido? — gritou Turbilhão.

— Eu estou bem! — respondeu Tropelia.

— Onde está a Fenomenal? E a Schadenfreude?

— Estou aqui — chiou Schadenfreude, lançando-se pelas escadas abaixo e afastando as asas insufláveis com a sua bengala, onde estas pressionavam o corrimão. — Pelo amor de Deus — gritou ela para Cozinheira —, ajuda-me a baixar esta coisa!

Tropelia conseguia ver pontos brancos cosidos na barriga inchada do pássaro, que ficou tensa e franzida, ameaçando

romper-se. O apito das chaleiras tornou-se um grito quando a pressão acumulada atingiu um guincho politonal, como o canto choroso e enlouquecido do enorme pássaro e depois...

Tropelia sentiu a explosão na sua coluna e estômago. O enorme pássaro, de repente, deixara de existir. Em vez dele, havia agora uma chuva de confetes dourados a cair no salão, pousando no cabelo de Tropelia e nas poças de água derramada, assim como em Cozinheira e na Tia Schadenfreude, que estavam inclinadas sobre a ruidosa bomba de ar elétrica. A Tia Schadenfreude golpeava-a com a bengala.

Tropelia pegou num dos confetes, um disco redondo dourado, como um dobrão de papel. Olhou para cima. Pedacos rasgados de tecido do corpo do pássaro tinham ficado presos ao lustre, fazendo Tropelia pensar desagradavelmente em pele de galinha.

Passos pesados anunciaram Turbilhão.

— Tropelia, onde está a tua irmã? — disse, ofegante.

— Não sei.

— Não está aqui. Os intrusos... levaram-na? Viste? — Turbilhão parecia estar à beira de um ataque de nervos.

— Não. Pelo menos, acho que não...

— Pensa! Nós...

Ouviu-se um espirro sonoro.

Uma Fenomenal desgrenhada apareceu no topo das escadas, a pestanejar e a bocejar.

— Mas que barulheira é esta? — Ela limpou os óculos na bainha da bata, voltou a colocá-los e semicerrou os olhos para o salão. — Oh, fizemos uma redecoração?

— Conta-nos de novo — disse Fauna, empurrando uma chávena para as mãos de Tropiclia.

Elas estavam sentadas na grande escadaria. Havia tantas chaleiras por perto que Cozinheira só precisara de ir à cozinha buscar saquinhos de chá. Turbilhão ainda não estava convencido de que estivessem sozinhos e patrulhava a Casa com uma espada decorativa, procurando «passageiros clandestinos» em todas as divisões. A Tia Schadenfreude espetava a sua bengala no tecido do pássaro, embora não fosse evidente o que pretendia conseguir com isso.

— Não sei o que mais querem que vos diga — resmungou Tropiclia. — Tinha fome. Desci para preparar o pequeno-almoço, que ainda não comi, já agora, e encontrei cinco intrusos a montarem... o que quer que fosse aquele pássaro.

— Tens a certeza de que eram cinco?

— Sim. — Tropiclia fechou os olhos, visualizando-os. — Um era gordo e gracioso, e usava um *maillot* brilhante. Outro tinha uns cotovelos muito salientes. Outro tinha o cabelo apanhado numa trança comprida, outro tinha óculos e outro *fez-me continência*. — Ela abanou a cabeça, indignada. — Estavam todos vestidos de preto. Não consigo dizer muito mais. Mas vou encontrá-los — disse sombriamente. O fator surpresa estava a passar e ela começava a ficar zangada. — Ninguém invade a minha Casa, deixa um pássaro insuflável e sai impune.

— Sim, qual foi o objetivo disto? — queixou-se Schadenfreude.

— Talvez estivessem a enviar-nos uma mensagem — disse Cozinheira.

— Uma carta ameaçadora teria sido mais clara. E não teriam demorado tanto tempo a prepará-la.

— Eles entraram e saíram muito depressa — disse Fenomenal. — Embora me pareça que pudessem ter estado na Casa a noite toda, à espera de que adormecêssemos.

Fauna parecia estar a passar mal.

— Temos de rever a nossa segurança — disse ela. — Isto é culpa minha? É porque tirei as correntes dos portões?

— Claro que não — disse Turbilhão, regressando do andar de cima e dando-lhe uma palmadinha no braço. — Não adianta culpares-te. O importante é que ninguém se magoou e que não levaram nada.

— Queres dizer, além do quadro — disse Fauna.

— O quê?

Fauna apontou. Enquanto Família, os Swifts não tinham aquilo a que se pudesse chamar «bom gosto», mas antes uma espécie de fascínio mórbido por quadros horríveis. Nenhum deles prestava muita atenção ao que os seus parentes defuntos tinham decidido pendurar nas paredes ao longo dos anos. Mas havia um retângulo de espaço vazio na parede do salão, manifestamente óbvio entre o caos de molduras que não condiziam, paisagens lamacentas e cavalos mal desenhados.

— Um quadro? — desdenhou a Tia Schadenfreude. — Todo aquele trabalho por *um quadro*?

Fauna fitava-a com incredulidade.

— Está a falar a sério, Titi? Eles levaram a coisa mais valiosa que havia na Casa!

Que havia dentro da Casa, pensou Tropelia, lembrando-se do que jazia no fundo do lago.

— Ora, não pode ser assim tão valioso — disse a Tia Schadenfreude, fitando o espaço vazio. — Nem sequer sei o que desapareceu. Cozinheira?

— Não faço ideia.

— Eles levaram *Um Palhaço Lamenta a Sua Sorte na Vida* — disse Fauna, contorcendo as mãos. — E logo depois de eu me mudar para cá.

— Aquela velha coisa feia? — troçou a Tia Schadenfreude. — Ganhámos isso aos Martinets num jogo de cartas, há décadas. Sempre tive intenção de o mandar fora. Por que diabo o puseste aqui?

Fauna ficou boquiaberta.

— Têm noção de que é um Pierrot autêntico?

Os restantes Swifts olharam para ela sem expressão.

— Pierrot? — tentou Fauna, com uma ponta de histeria a entrar-lhe na voz. — Um dos mais famosos pintores surrealistas? Conhecido por pintar e esculpir exclusivamente *Pierrots*, na verdade. São um tipo de palhaço triste e mudo...

— Sofro de uma condição terrível de audição — disse a Tia Schadenfreude. — Sempre que as pessoas me falam sobre arte, ouço apenas uma espécie de ruído gorgolejante, como um cano entupido.

Tropelia lembrava-se do quadro, que costumava estar pendurado no Quarto Coral. Não era assim *tão* feio, pelos

padrões dos Swifts. Era um retrato de um palhaço de camisa e calças brancas largas, com uma enorme gola de tufos preta e branca ao pescoço e uma touca preta e justa. Não usava um grande nariz vermelho, nem nada, apenas base branca, por isso, Tropelia partira sempre do princípio de que ele deixara a maquilhagem incompleta.

Fauna fez uma inspiração profunda.

— Não é importante — disse ela. — O que é importante, além do seu *incomensurável* valor artístico, é quanto vale.

— Quanto vale? — perguntou Tropelia.

Fauna disse-lhes. Foi quando a Tia Schadenfreude ficou de queixo caído.

— Todo este tempo — disse ofegante, apoiando-se na sua bengala. — Todo este tempo com problemas de dinheiro, a adiar as reparações, a procurar o tesouro de Vil para pagar as contas e podia ter simplesmente vendido aquele velho palhaço. — Ela olhou para Fauna quase desesperadamente. — De certeza que não é falso?

Fauna abanou a cabeça.

— Eu confirmei. A assinatura dele está nas costas da tela. Ele assinava sempre com tinta azul-miosótis; é muito específico.

— Esperem um minuto — disse Cozinheira, fitando o espaço vazio na parede. — Uma obra de arte famosa é roubada. Para trás, fica um estranho e elaborado quadro vivo. Isso não vos faz lembrar alguma coisa?

Não fazia Tropelia lembrar-se de nada, mas, um a um, os adultos arquejaram, como se cada um deles estivesse a ser picado por uma agulha.

— Certamente que não podem ser *eles* — desdenhou a Tia Schadenfreude.

— Porque é que nos atacariam? — perguntou Turbilhão.

— Tenho uma ideia — disse Fauna num tom sombrio. Ela fitava os farrapos de tecido no lustre e o seu olhar era duro como aço. — Tia Schadenfreude, como é que disse que adquirimos aquele quadro?

— O Trapaceiro ganhou-o num jogo de cartas, há anos.

— E, para ser delicada, o Trapaceiro jogou *limpo* nesse jogo de cartas?

— O nome dele era *Trapaceiro* — disse Schadenfreude. — O que é que achas?

Fauna acenou com a cabeça.

— Foi o que pensei. Meninas, Turbilhão... façam as vossas malas. Fazer as pazes com os Martinets poderá ser mais urgente do que pensávamos.

— O quê? Queres dizer que vamos para Paris? — Tropolia deu um pulo, com o coração a martelar. — Mas porquê?

— Porque aqueles ladrões não acham que nós sejamos os legítimos donos do quadro. Provavelmente, estarão a devolvê-lo aos Martinets neste momento. Se o quisermos de volta, temos de arranjar uma forma de pôr fim às nossas contendas. Nós fomos roubados pelos Ouvolpo.

Tropolia tinha cinco perguntas... dez... vinte. Mas aquela que forçou a sua passagem para o início da fila foi:

— Quem são os Ouvolpo?

Bem-vinda a Paris, Tropelia Swift!

Agora que a reunião de família acabou e o assassino foi apanhado, Tropelia Swift pode regressar aos seus importantes projetos, como encontrar o tesouro de família há muito tempo desaparecido. Mas Tropelia parece atrair problemas... Quando um valioso quadro é roubado da casa dos Swifts por um excêntrico grupo de ladrões de arte, ela decide reavê-lo custe o que custar — mesmo que isso signifique perseguir os assaltantes até Paris.

E assim começa uma nova aventura que, mais do que nunca, porá à prova os dotes de detetive de Tropelia.

Em Uma Galeria de Patifes voltamos a encontrar as divertidas e misteriosas personagens do multipremiado Um Dicionário de Malandros, a que se juntam novos parentes. Prepara-te para novos segredos, muita diversão e ação num livro que, mais uma vez, celebra as palavras, a família e... claro, as tropelias!

Como tudo
começou...



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
penguinkidspt

ISBN 9789895832378



9 789895 832378 >